

MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE EM ESCOLAS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS

André Gobbo³³

Bruna Feiden³⁴

Bruna Baukat³⁵

RESUMO

Aborda-se nesta pesquisa os aspectos teóricos e práticos dos fatores geradores de estresse ocupacional em professores da rede pública estadual, pública municipal e privada do município de Porto Alegre/RS. Foi utilizado como método de coleta de dados em visitação às escolas, sem aviso prévio, evitando assim uma possível preparação dos professores perante o tema da pesquisa. Aplicou-se um questionário semiestruturado, o qual investigava os prováveis fatos de sua rotina escolar, entre eles a faixa etária do professor e tempo que dedicava a lecionar; carga horária diária; sentimento de exaustão; medo da vulnerabilidade social e, conseqüentemente, o abandono da profissão. Desta forma foram encontrados diversos fatores que, possivelmente, geram situações de estresse no ambiente escolar e como decorrência um presumível ambiente doente, do qual por sua vez fazem os educadores questionarem-se sobre a qualidade de suas aulas. Por fim, o presente estudo demonstra a importância de instituir nas escolas centros de apoio aos docentes, incluindo na rotina escolar, profissionais que possam auxiliar emocionalmente os educadores quando necessário, para que tenhamos no futuro escolas que sejam modelos também de qualidade no ambiente de trabalho. Não obstante, como consequência positiva desta inclusão, a valorização dos profissionais da educação, tais como a concludente melhora em suas vidas pessoais e afetivas.

PALAVRAS-CHAVES: Estresse ocupacional. Burnout. Ergono-

³³ Doutorando em Educação Tecnológica e Científica, docente na Faculdade Avantis. E-mail: andre.gobbo@avantis.edu.br.

³⁴ Especialista em Supervisão Escolar e Docência e Tutoria EaD, membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Avantis. E-mail: bruna.feiden@avantis.edu.br.

³⁵ Graduanda em Pedagogia. E-mail: bruna.baukart@avantis.edu.br.

mia. Estresse em Professores.

***MALAISE IN TEACHERS: AN ANALYSIS IN SCHOOLS OF THE CITY OF
PORTO ALEGRE/RS***

ABSTRACT

This study intends to address the theoretical and practical aspects which may cause occupational stress in teachers of public and private schools in the city of Porto Alegre, RS. It was used as a method of data collection visits to these schools without prior notice, to avoid a possible preparation of the teachers in relation to the research theme. A semi-structured questionnaire was applied, which investigated the probable facts that might influence their school routines such as the teacher's age group, the time devoted to teaching; daily hours; feelings of exhaustion; fear of social vulnerability and, consequently, abandonment of the profession. According to the data analysis, several factors could possibly generate stress situations in the school setting and, consequently, an expected poor work environment, thus making educators question about the quality of their own classes. Finally, the present study demonstrates the importance of establishing support centers inside the schools by including in the school routine professionals who can help educators when necessary. Because of such actions, we will have schools that are also models of quality in the learning environment. Nevertheless, as positive consequences of this inclusion are the appreciation of education professionals and a significant improvement in their personal and affective lives.

KEYWORDS: Occupational stress. Burnout. Ergonomics. Stress in Teachers.

1 INTRODUÇÃO

O mal-estar docente e a busca pelo bem-estar têm sido alvo de debates para a melhora da qualidade de vida dos professores, tendo relação direta com a qualidade do ensino.

A questão que problematiza este estudo se dá em mensurar a incidência de mal-estar docente em escolas do município de Porto Alegre/RS e quais os possíveis fatores que influenciam para este diagnóstico, considerando aspectos como condições de trabalho e necessidades frente à educação contemporânea.

Observando notícias sobre o tema desta pesquisa e estar presente no dia-a-dia escolar, percebemos que na escola faltam ambientes de amparo ao professor. Em contrapartida, o atendimento ao discente se dá de várias formas e por diversos profissionais, a fim de ajudá-lo, corrigi-lo ou orientá-lo.

O objetivo de ir a campo foi pesquisar a incidência de estresse ocupacional e afastamento dos docentes do ambiente de trabalho, justificando assim os altos números de professores em licença médica. Verificar os fatores que motivaram tal problemática tornou-se fundamental para identificar os malefícios e de tal forma a possibilidade de incluir, gradualmente, atendimento psicoafetivo especializado aos docentes.

Diante disto, os dados coletados tornam evidentes o sofrimento experimentado diariamente pelo professor e com isto contribui para o aumento de doenças relacionadas ao seu estado emocional. O estresse, por exemplo, em sua forma orgânica ou caracterizado como estresse ocupacional e suas consequências, o *Burnout* e a queda de produção e qualidade de trabalho foram fatores encontrados durante a pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como instrumento de pesquisa foi desenvolvido um questionário semiestruturado para a coleta de dados, utilizando a escala de Likert para organizar as opções e facilitar o desenvolvimento da pesquisa, considerando a

época escolhida para a aplicação e a prévia autorização da escola (declarado no Termo de Anuência) e professores (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), ao final do ano letivo e o pouco tempo disponível dos professores.

As questões enfocaram a caracterização das redes escolares pesquisadas, faixa etária dos sujeitos de pesquisa, tempo de experiência em docência e a presença de ambientes de apoio ao docente. Esteve (1999) e Codo (2004) citam que:

A princípio o estresse do professor, no Brasil, parece estar associado aos baixos salários, à precariedade nas condições de trabalho, às atribuições burocráticas desgastantes, ao elevado número de alunos por sala de aula, ao despreparo dos professores diante das novas situações e emergências da época, às pressões exercidas pelos pais dos alunos e pela sociedade em geral, à violência instaurada nas escolas, entre outros elementos.

Desta forma, o questionário apresenta questões relacionadas à influência da remuneração, quantidade de alunos em sala de aula e de horas destinadas ao trabalho. Não obstante, são abordadas questões como a violência no ambiente escolar, exaustão emocional e o reflexo destes fatores na qualidade das aulas e na relação com os alunos.

Em relação às questões sobre esgotamento psicológico e físico, exaustão e falta de energia para suas atividades diárias fundamentamos Maslach e Jackson (1981 p. 199) os quais citam que “é possível destacar, entre outras, três dimensões de SEP (síndrome do esgotamento profissional)”, assim complementam:

Exaustão emocional é a sensação de esgotamento, tanto físico quanto mental, sentimento de não dispor de energia para absolutamente nada, a despersonalização já alteração da personalidade do indivíduo, levando o professor ao desenvolvimento de atitudes negativas, cínicas e insensíveis frente aos alunos e colegas de trabalho, e falta de realização

pessoal no trabalho, no qual gera a tendência em avaliar o próprio trabalho de forma negativa. As pessoas se sentem infelizes e insatisfeitas consigo mesmas e com seu desenvolvimento profissional.

Contudo, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, foram pesquisados 36 professores em escolas municipais, estaduais e particulares no segundo semestre de 2017. As escolas estavam localizadas em determinados bairros da cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

3 REALIDADE ESCOLAR, CONDIÇÕES DE TRABALHO E REGIMENTO

O mal-estar docente, segundo Moraes (2014), ou como ela descreveu em seu livro, as doenças ocupacionais, são cultivadas a partir do ambiente do qual o sujeito está inserido e de quais condições ele mesmo enfrenta em sua jornada de trabalho, definindo assim os agentes ambientais, químicos e biológicos que estão acima do aceitado para as condições físicas e psicológicas humanas. Como característica principal observamos primeiramente o tempo em que os professores estão lecionando e como segundo fator o tempo em que estão na mesma escola, para que possa surgir uma possível intervenção no agente causador do estresse.

As condições de trabalho nas quais os professores se encontram inseridas nesta última década, ou seja, a total disponibilização de suas funções cognitivas, físicas e afetivas ao trabalho geram a sobrecarga e hiperesforço das funções psicológicas; gerando estresse ocupacional. Essa experiência desagradável, advinda do ambiente de trabalho, interliga-se diretamente com o sentimento de hostilidade, tensão, ansiedade, frustração e depressão (COOPER, 1996 *apud* CANOVA; PORTO, 2010). Essa constante busca pelos fatores que incidem à uma situação de estresse e mal-estar docente nada mais é do que o primeiro passo para a esperada melhora da qualidade de vida desses profissionais que lidam diretamente com a formação dos cidadãos.

Levando em consideração o excesso de alunos dentro das escolas e a falta de estrutura para atender à crescente demanda, os professores têm muitas vezes a sensação de impotência, frustração e sentimento de culpa.

3.1 ESCOLA, CONTEXTO FAMILIAR E CULTURA.

A escola, a partir dos valores que lhe cabe passar, entra em constante conflito com a comunidade que a envolve, de tal forma a deixar o ensino dos alunos prejudicado. Ao ensinar principalmente o que é igualdade, solidariedade, violência, comportamento, paz, respeito ao meio ambiente, sexualidade e atitudes relacionadas às minorias culturais, a escola e a família entram em dissensão por questões éticas e culturais. (MARCHESI, 2008)

Segundo Tamayo, *apud* Murta e Tróccoli (2004), usa-se o termo cultura como variável para tentar justificar uma atitude ou outra de determinadas sociedades. As escolas, inseridas nas comunidades, tentam explicar certos tipos de comportamentos utilizando esta definição.

Em uma sociedade integralmente competitiva, individualista, violenta e desigual, torna-se mais difícil o papel da escola atuar junto com a ética propagando bons hábitos e costumes. Todavia, os professores devem sempre atuar em conjunto com a sociedade a fim de amparar os jovens e prepará-los para o mundo e seus desafios, de forma que não se tornem seres egoístas e individualistas e cultivem uma sociedade ainda mais desigual (MARCHESI, 2008).

Motivação é a palavra chave para que os professores procurem aperfeiçoar seus conhecimentos, porém para que esta motivação se concretize e não somente ilusória ou idealizada, é premente que seja valorizado o trabalho deste profissional frente ao seu empenho, tanto junto dos alunos, quanto frente aos demais colegas, comunidade da qual a escola está inserida e equipe diretiva. A falta de prestígio e o atribuído à profissão docente é fato determinante para a procura, ou não, do saber continuado e pela melhora na qualidade do ensino, aumentando o prazer de exercer sua profissão.

4 ESTRESSE OCUPACIONAL

Pesquisas relacionadas ao bem-estar das pessoas começaram, historicamente, a partir da segunda metade do século XIX, pelo fisiologista francês Claudê Bunard, o qual usou como base o parâmetro físico para tentar explicar, de alguma forma, alguns dos motivos pelos quais o nosso corpo entra em colapso em determinadas situações de estresse. Um dos aspectos fundamentais que Bunard defendeu, foi que, para o melhor funcionamento do nosso corpo, devemos manter a regulação interna, ou seja, equilíbrio do funcionamento dos nossos órgãos, mesmo que haja uma constante mudança externa e que influencie no ambiente interno (DUTRA, 2001 *apud* CANOVA; PORTO, 2010).

Anos depois, surgiu um termo para retratar este tipo de equilíbrio que o corpo tem que ter para o seu bom funcionamento. O fisiologista Walter B. Cannon, em 1995, chamou de homeostase. Além de nomeá-lo, referido pesquisador enfatizou a estimulação do sistema nervoso simpático durante determinada situação de emergência, tais como dor ou raiva, o resultado desta situação de estresse é a liberação de hormônios, ou seja, uma descarga de glândulas adrenais e, como consequência. O processo autônomo induz a alterações cardiovasculares (acelerar batimentos cardíacos e processo de inspiração e expiração, por exemplo), a fim de preparar o corpo para uma situação de luta ou fuga (CANNON, 1990 *apud* GOULART JÚNIOR; LIPP, 2008).

Em 1919 foi estabelecido o primeiro decreto brasileiro que acolhia os profissionais diagnosticados com doenças ocupacionais sob o número 3.724. Tal decreto citava em suas definições as “moléstias” que os trabalhadores adquiriam somente pelo exercício de sua profissão. Após uma atualização, do qual o documento alterou para 24.637 de 1934, ampliava sua definição de acidentes de trabalho, trazendo o conceito de todas as lesões corporais, perturbações funcionais ou doenças produzidas pelo acidente de trabalho ou em consequência dele (MORAES, 2014).

Supradito autor entende que essas leis vieram para acolher os trabalhadores a fim de assegurar-lhes financeiramente às consequências que o ambiente de trabalho possa lhe causar. Contudo, em seu livro traz a lei número 8.213 de 1991, artigo 19, assegura que:

Acidente de trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa ou pelo exercício do trabalho dos segurados, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho.

Complementa citando o anexo III da portaria número 104 de 25 de janeiro de 2011, do qual trata-se da Lista de Notificações Compulsórias em Unidades Sentinelas (LNCS); caso houver registros de eventos constantes no ambiente de trabalho deverá ser anexado ao SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação). Deste anexo, foram retiradas quatro adendos que se refere-se ao presente estudo: IV – Acidente de trabalho fatal; VII – Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT); IX – Perda auditiva induzida por ruídos (PAIR); XIV – Transtornos mentais relacionados ao trabalho.

Segundo Selye (1956, *apud* GOULART; LIPP, 2008), em 1936 se definiu mais uma nomenclatura para este tipo de estresse: síndrome de adaptação geral (*general adaptation syndrome – GAS*), ou síndrome de estresse biológico, como uma reação defensiva dos sistemas em nosso corpo. Contudo, classificou em três principais estágios: 1) reação de alarme, 2) resistência e 3) exaustão. Relata que em relação as duas primeiras todo o ser humano convive quase diariamente, entretanto a última já associa a uma situação de estresse ocupacional severo.

De forma geral, posso afirmar que os seres humanos têm dedicado grande parte do seu tempo ao trabalho, visando melhorar sua qualidade de vida economicamente, porém para toda ação há uma reação, no caso, uma consequência grave, tanto física quanto psíquica e social (MENDES, 2004 *apud* MURTA; TRÓCCOLI 2004). Conforme Kaplan (1995 *apud* Porto e Canova, 2010), esse estado prolongado de estresse interfere no bem-estar psicológico e na qualidade de vida dos indivíduos. Logo após uma ascensão de ganhos por tanta ênfase ao trabalho há um declive com perdas econômicas, alta rotatividade de profissionais no local de trabalho e baixa produtividade.

Existe ainda, outra subdivisão para tentar entender como funciona o nosso corpo em uma situação de estresse (COSTA; McCRAE, 1998 *apud* CANOVA; PORTO, 2010):

- a. Sistêmico ou fisiológico: alterações ou distúrbios (falhas) de sistemas e tecidos corporais.
- b. Psicológico: ligado a fatores cognitivos.
- c. Social: afastamento de vida social, comprometimento como sistema extrínseco.

Estes fatores fisiológicos são instigados a partir de situações de desvalorização da profissão, associado a baixos salários, aumento de carga horária e de demanda de trabalho, precariedade nas condições de trabalho, legislação desgastante e desatualizada e o aumento considerável do volume de alunos por sala de aula. O déficit de disciplinas que tragam à tona a realidade escolar para acadêmicos de licenciaturas torna-se um agravante, pois ocasiona um frequente despreparo para lidar com diversas situações do cotidiano escolar (ESTEVE,3, 1999; CODO, 2004).

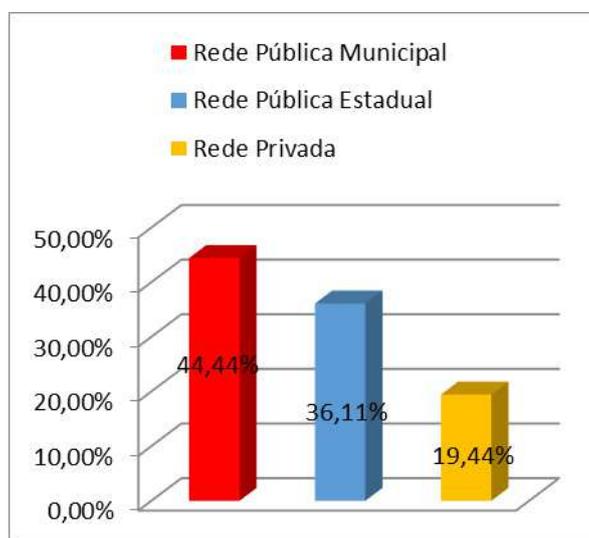
Frone (1990), Kahn; Byosiere (1992), Spector; Jex (1995), Koslowsky (1997) são considerados os “pais” dos estudos sobre o estresse ocupacional, cuja natureza da tarefa e do papel ocupacional se relaciona diretamente com a sobrecarga de tarefas, relacionados à interpessoalidade, autonomia (ou falta dela), controle (ou falta dele) e desenvolvimento de carreira. Já as características pessoas citadas por estes autores estão ligadas à autoestima (ou a ausência), comportamentos obtusos e lócus de controle, ainda assim cuja natureza seja de variáveis situacionais e pessoais são citados o suporte social, conflito entre papéis e ambiguidade do papel exercido (CANOVA; PORTO, 2010).

Segundo Moraes (2014), existem três principais níveis de prevenção que, se utilizados, o indivíduo pode não chegar a uma situação de síndrome de *Burnout*. A primária tem como principal característica a reeducação de bons hábitos de vida, tais como impedir que o ambiente de trabalho traga algum desagrado e que isso se torne constante, promover a saúde com hábitos de atividades físicas e boa alimentação. Como segundo fator, apesar de saber que a doença é assintomática, é importante estar atento para deter precocemente a doença. Terciária, já com a doença instalada, tem o objetivo de diminuir seu peso e reduzir as complicações, maximizando o tempo de vida com qualidade, muitas vezes usando programas de reabilitação e terapias.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Gráficos serão apresentados por tipologia de rede escolar, a fim de comparar os resultados e observar a predominância do impacto da questão naquele determinado ambiente. Nota-se então, no Gráfico 1, a divisão dos participantes por rede de ensino:

GRÁFICO 1: Em qual rede escolar você leciona?



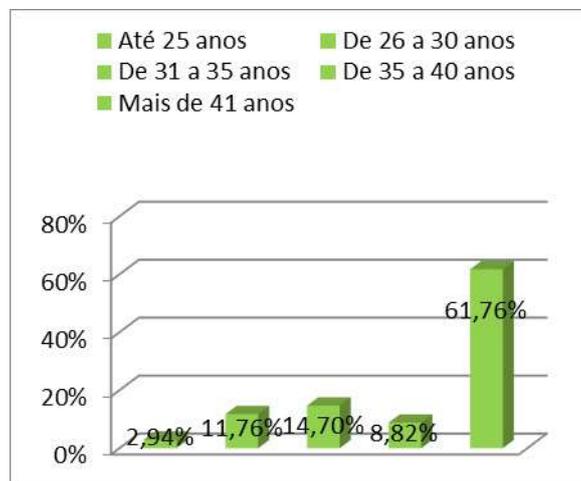
Fonte: Dados primários, 2017.

Foram pesquisados trinta e seis professores, dos quais dezesseis incluem o quadro de docentes da rede municipal, treze da rede estadual e sete da rede privada.

Outra indagação contida no questionário aplicado refere-se à faixa etária em que os professores pesquisados se encontram, tendo uma variável de menos de 25 anos a mais de 40 anos de idade.

No gráfico abaixo, há prevalência de professores acima de 41 anos, somando 61,76% do total de respostas obtidas comparado às demais faixas etárias contidas nas opções. Subsequente a este percentual, 14,70% somam-se os professores que assinalaram ter entre 31 e 35 anos de idade, 11,76% de 26 a 30 anos, 8,82% de 35 a 40 anos e 2,94% professores de até 25 anos de idade.

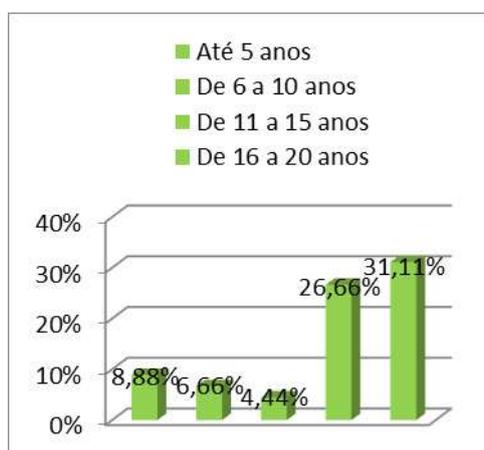
GRÁFICO 2: Em qual das seguintes faixas etárias você se enquadra?



Fonte: Autores, 2017.

Não obstante, se torna fácil a comparação dos Gráficos 2 e 3, ilustrados acima, pois a idade média coincide com a opção de maior tempo do qual se dedicam a profissão, ou seja, 31,11% dos professores atuam na área a mais de 20 anos e 26,66% lecionam entre 16 e 20 anos.

GRÁFICO 3: Há quanto tempo você exerce a profissão de professor?

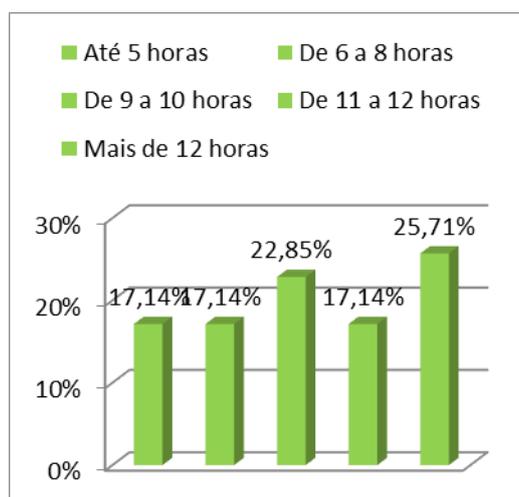


Fonte: Autores, 2017.

No Gráfico abaixo, juntando as três redes escolares pesquisadas, houve um equilíbrio nos resultados apresentados, tendo uma leve prevalência de

escolha as opções que citam a dedicação de mais de 12 horas ao trabalho, totalizando 25,71% e 22,85% que ilustra a opção entre 9 e 10 horas de trabalho. As demais alternativas obtiveram a soma de 17,14%.

GRÁFICO 4: Quantas horas diárias você dedica ao trabalho (incluir tempo de trabalho fora do ambiente escolar)?



Fonte: Autores, 2017.

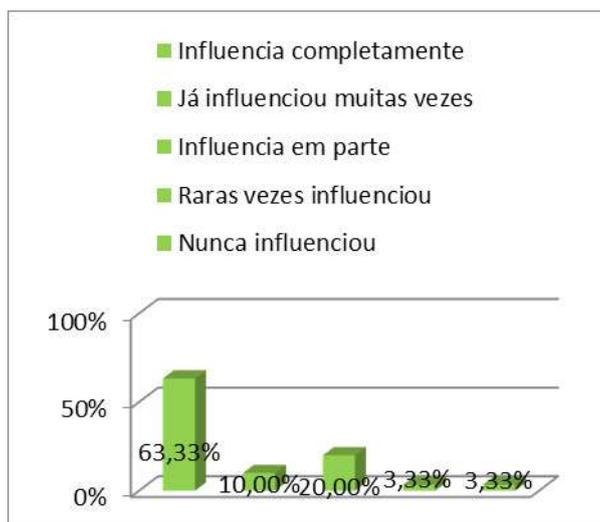
Não se pode esquecer que todo este tempo dedicado ao trabalho não somente é restrito ao próprio ambiente escolar. Por inúmeras vezes os professores se obrigam a levar estes materiais para casa, o que acaba por comprometer suas horas de lazer. Porém, o tempo que estão em contato com os alunos também pode ser um considerado um fator estressante, pois a demanda de alunos nas escolas aumentou progressivamente, somando assim o número de alunos por sala de aula.

Além disso, outro fator predominante de estresse entre os grupos de professores é a desvalorização salarial ou até mesmo a falta do mesmo, trazendo à tona problemas financeiros que podem influenciar a qualidade das aulas aplicadas aos alunos.

O Gráfico a seguir mostra a importante relevância entre a desvalorização salarial e o desempenho do professor em sala de aula. Desta forma totaliza-se 63,33% a opção que relata influenciar completamente a atuação do

professor diante da turma.

GRÁFICO 5: Levando em consideração a desvalorização salarial e o aumento considerável de alunos em sala de aula, esta realidade influencia negativamente de forma direta na qualidade das aulas?



Fonte: Autores, 2017.

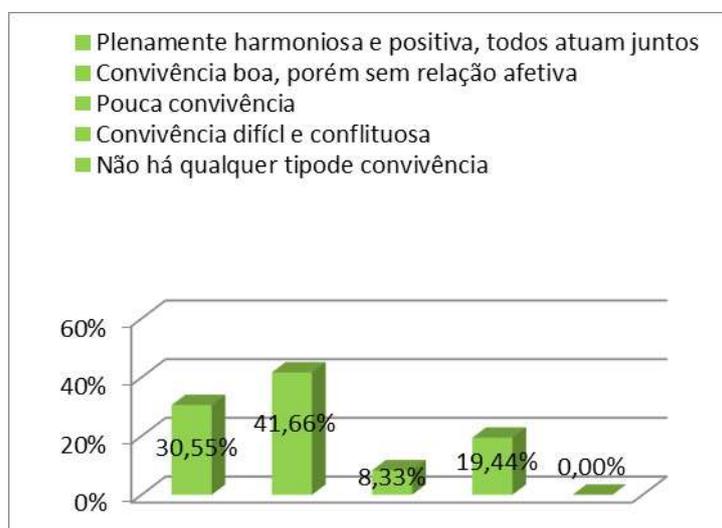
Outro ponto importante a ser analisado é que as três primeiras opções de respostas oferecidas ao professor no questionário aplicado evidenciam a influência deste fator no convívio diário com os alunos, mesmo que em partes ou pouco significativa, afirma ter uma variação conforme a desvalorização salarial. Desta forma, somando essas três primeiras opções chega-se ao percentual de 93,33% de professores que relatam a influência deste fator de estresse para a má execução e aproveitamento de suas aulas.

Pressupõe-se que apesar dessas demandas de trabalho ser um fator significativo de estresse entre os professores participantes da pesquisa, outro gráfico mostra que a relação entre colegas se tem dado positivamente, harmoniosa e que em alguns casos há ajuda mútua do grupo docente. Complementando esta informação, os professores relataram ao serem indagados sobre de que aspecto observa a ajuda no ambiente de trabalho em relação ao apoio emocional que a mesma surge, conforme maior número de respostas ao questionário, dos próprios colegas de trabalho dos quais contém nível de

intimidade e afetividade maior.

Desta forma, ressalta a importância da união do grupo de professores e a acuidade das reuniões pedagógicas mediadas pelo supervisor e orientador escolar, de tal forma a trazer métodos lúdicos para aferir as relações. Como objetivo, criar laços entre os colegas de trabalho para que, em um momento de estresse um possa ser a âncora do outro, tendo assim, um grupo forte e unido.

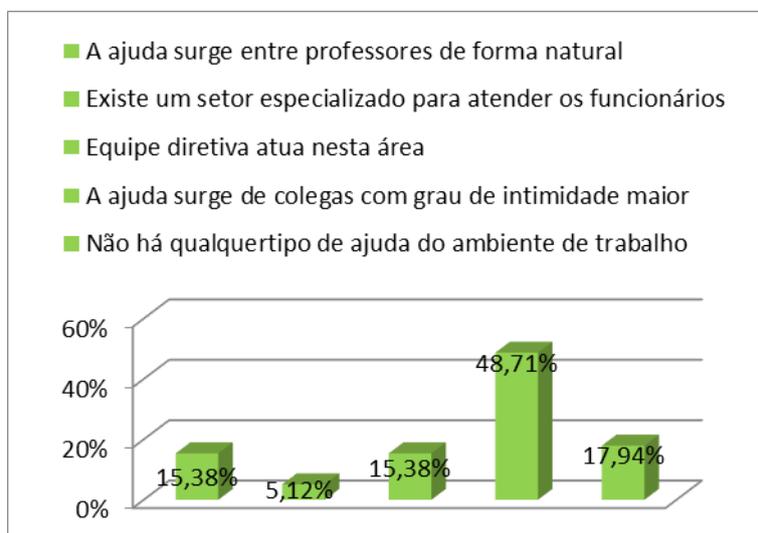
GRÁFICO 6: Em relação ao ambiente de trabalho e à convivência com os demais colegas, como você define esta relação?



Fonte: Autores, 2017.

Vejamos que a maior parte dos professores (72,21%) julga como positiva a convivência entre colegas de trabalho, sendo que 41,66% caracterizaram como boa, porém sem relação afetiva e 30,55% afirma ser plenamente harmoniosa e positiva, os quais atuam juntos de forma coletiva.

GRÁFICO 7: Quando os professores necessitam de apoio emocional, como você define a atitude da escola na qual trabalha para solucionar este problema?

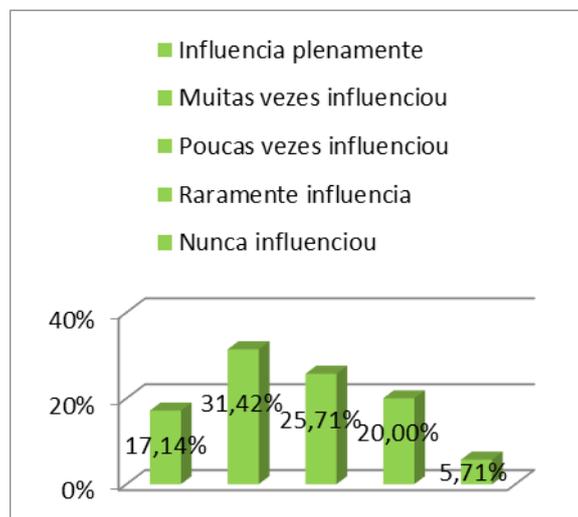


Fonte: Autores, 2017.

Afirmado os resultados do gráfico anterior, 48,71% dos professores afirmam que, ao surgir uma determinada situação problema entre o grupo de professores, a ajuda surge de colegas com grau de intimidade maior, entendendo que há uma possível troca de afeto dentro do ambiente de trabalho, podendo se tornar um ambiente acolhedor e afetuoso.

Essas situações de estresses citadas anteriormente podem provocar diversas reações negativas ao organismo, diante disto, questionamos os professores sobre a relação sobre a negatividade desta crescente demanda e a relação com os seus alunos e se a mesma se torna prejudicada.

GRÁFICO 8: Diante de situações de estresse referente às demandas de trabalho das quais provocam reações negativas ao organismo, a que ponto essas influenciam na sua relação com os alunos?



Fonte: Autores, 2017.

A progressão se dá a partir da opção da qual informa que muitas vezes o educador sentiu sua relação influenciada, regredindo diante das demais alternativas das quais citam que poucas vezes ou raramente influenciou (25,71% e 20%). A opção que nega esta influência negativa apenas obteve apenas duas marcações.

Mensurados os dados os quais o grupo de pesquisados respondeu sobre o medo de exercer a profissão, positivamente, o maior grupo escolheu a alternativa que relata raramente ter tido medo de praticar à docência (29,72%), seguido pelo segundo maior grupo negando ter tido medo de lecionar, totalizando o percentual de 24,32%. Infelizmente, junto com este grupo do qual dribla a vulnerabilidade social, encontrei respostas das quais muitas vezes os professores tiveram medo de ir cumprir sua carga horária na escola, e esta média equivale ao grupo que respondeu nunca ter tido medo (24,32%).

GRÁFICO 9: Diante de tantas notícias de violência contra professores, em algum momento você já teve medo de exercer sua profissão?



Fonte: Autores, 2017.

Enfrenta-se então uma profunda crise na educação, diante de diversos problemas básicos já citados anteriormente e diariamente enfrentados pelos professores não só participantes desta pesquisa, mas de forma geral, é comum presenciar docentes autocríticando seu trabalho e seu desempenho diante de seus alunos. Neste caso a crítica surge de forma negativa, como se o professor se culpasse pelo possível fracasso de seus educandos diante dos conteúdos obrigatórios.

A autocrítica pode ter um valor positivo diante da vida profissional, pois, se estabelece um padrão de desempenho aceitável pelo próprio professor e sua equipe diretiva a fim de trazer aulas com teor de qualidade almejado pela equipe diretiva. Mas, quando esta crítica passa a ser muito frequente e ultrapassando os limites aceitáveis, dos quais atrapalham o docente ao exercer seu ofício, limitando-o ou deixando-o em profundo desgosto com sua capacidade técnica há uma possível doença instaurada. Por vez, como dito ao longo deste trabalho, esta doença pode conter caráter único, ou seja, apenas aquele determinado profissional está enfraquecido emocionalmente ou a equipe em conjunto está vulnerável, assim enfraquecendo as relações e dificultando o andamento habitual da escola.

GRÁFICO 10: Com que frequência tem criticado (negativamente) seu próprio desempenho no trabalho?

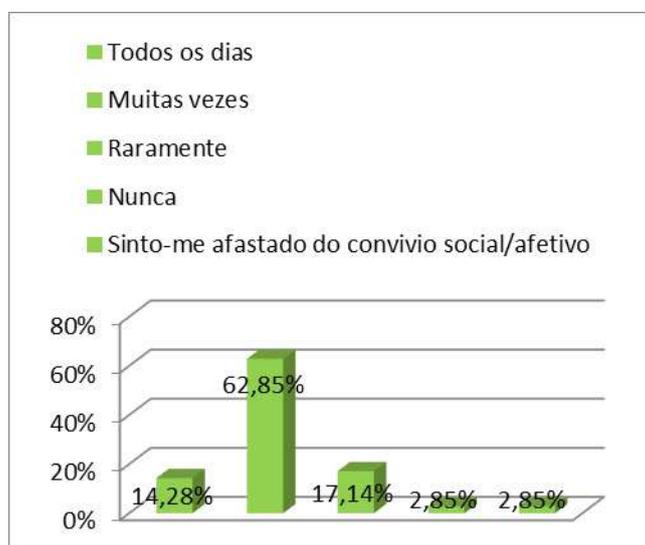


Fonte: Autores, 2017.

No Gráfico 10, vemos que muitas vezes os professores têm criticado, negativamente seu desempenho, totalizando 83,30%. Seguido de 44,44% em que as críticas vêm após não ter alcançado o seu objetivo em aula. Ainda, 36,11 professores relataram que raras vezes criticam seu desempenho de forma negativa e, com valores ilusórios de 5,55% e 2,77% estão os professores que citaram que nunca fazem críticas negativas e todos os dias se autocriticam, respectivamente.

Afirmando a presente exaustão física e psicológica dos professores a ilustração acima se tem como maioria o grupo de professores que asseguram ter se sentido exausto muitas vezes contabilizando o total de 62,85%, seguido pelas opções que se equilibram em menções as que afirmam que esta fadiga está presente todos os dias (17,14%) e raramente (14,28%). Sobretudo apesar da opção do qual garante nunca ter se sentido exausto ter sido citada (2,85%), a porcentagem é quase mínima igualando à opção que alega sentir-se afastado do convívio social e afetivo (2,85%).

GRÁFICO 11: Já se sentiu esgotado (a), psicologicamente e fisicamente, exausto (a) e sem energia para absolutamente mais nada (inclui vida pessoal)?



Fonte: Autores, 2017.

Montalvão; Crortez; Grossi-Milani (2018), trazem em seu estudo a seleção de artigos científicos correlacionados à prevalência da Síndrome de *Burnout* e sua relação com fatores sociodemográficos. Maior parte está presente na América Latina, com amostras variando entre quarenta e oito e novecentos e oitenta e dois docentes.

Conforme autores referidos, a prevalência do *Burnout* variou entre 14,2% e 63,5%, tendo a maior taxa no México. A amostra brasileira foi em média 17,1%, próximo do valor colombiano, 19,1% e, do venezuelano, 21%. Essas coerências entre taxas amostrais podem ser explicadas pela semelhança no sistema educacional.

Assim, Gomes; Quintão (2011), citam que a maioria dos estudos indicam o predomínio na síndrome, a despersonalização e a exaustão emocional no sexo feminino. Montalvão; Crortez; Grossi-Milani (2018), *apud* Botero; Romero (2012), afirmam que a carga horária também é fator predominante na prevalência da Síndrome de *Burnout*, profissionais que trabalhavam em turno integral a taxa chegou a 25% confirmando que docentes que enfrentam longas jornadas de trabalho estão mais expostos aos fatores de mal-estar.

Outros fatores citados foram: 1) condições de trabalho inadequadas; 2) burocracia administrativa; 3) baixos salários, 4) falta de reconhecimento, 5) falta de educação e limite dos alunos e 6) medo da demissão. Desta forma, todas as variáveis auxiliam para o aumento da prevalência da Síndrome de *Burnout* em professores (DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2014), (MONTALVÃO; CRORTEZ; GROSSI-MILANI, 2018, *apud* BORGES; RUIZ; RANGEL; GONZÁLEZ, 2012).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe à tona muitos questionamentos sobre a importância do professor diante da sociedade. Por muitos anos o docente era visto como uma peça fundamental para o desenvolvimento do país, tal como dependeriam dele para formar as demais profissões e continuar o acréscimo promissor, principalmente da economia.

Esta realidade atualmente tem sido degradada, juntamente com os prédios históricos dos quais não contém planos de revitalização, fachadas com rachaduras aparentes, infiltrações, salas de aula divididas ao meio para atender duas turmas superlotadas e com quadro funcional penalizado.

Esse triste fato é enfrentado pelos professores que se dividem para suprir a falta de colegas, muitas vezes de disciplinas diferentes de sua formação ou turmas com idades e conteúdos dessemelhantes. A rotina escolar não somente se determina ao lecionar, aplicar os conteúdos programáticos e avaliá-los, mas sim em observar seu aluno de uma forma única, um a um, aprendendo ao longo do ano letivo a forma que cada um encontra de melhor assimilar o conteúdo dado pelo professor, e assim adequar suas aulas.

O educador enfrenta no seu dia-a-dia os mais diversos problemas, seja de infraestrutura ou organizacional, porém adquire o poder da resiliência, enfrentando todas as intempéries para trazer transmitir seu conhecimento. Assumindo papéis que a faculdade não lhe ensinou, o de muitas vezes ensinar como se comportar diante da sociedade, como se portar em uma sala de aula, como se referir ao seu colega sem que seja por meio de xingamentos e

palavrões e, acima de tudo, o professor tem a difícil missão de preparar este aluno para enfrentar a sociedade, de forma íntegra e honesta.

É preocupante saber que estes mesmos professores que, além de pôr em prática aquilo que a academia lhe ensinou, pratica o bem, cria laços de amizade e carinho com seus alunos, não diferenciando cor, credo, raça ou situação financeira, enfrentam dia após dia tantos fatores que são percebidos como geradores de estresse. Estes geradores de estresses dos quais, se não identificados no seu primórdio, podem levar ao abandono de sua profissão. Utilizando o aprendizado de FURTADO (2014), do qual salienta a diferença entre o papel do educador da escola e o da família, surgindo uma linha tênue em que na teoria a família educaria em um contexto privado, individual, e a escola (professor) em um contexto social, em um coletivo e para um coletivo.

Constatei, também, que em muitos casos há diferenciação entre as redes escolares, e mesmo que a rede privada tenha problemas, os mesmos são muito menores e tem maior possibilidade de ser ajustado. Em contrapartida, as redes municipal e estadual exigem uma luta longa e árdua para que o mínimo seja oferecido aos professores, alunos, equipe diretiva e demais funcionários. Assim, cito o exemplo da escola estadual que foi transferida para outro prédio, pois o anterior estava com aviso de desabamento em alguns pontos, inclusive na sua fachada.

Não diferente, a escola da rede municipal da qual foi visitada para a realização da coleta de dados está aberta somente por ordem do Ministério Público, pois a prefeitura informou a equipe diretiva que o prédio seria utilizado para incorporar naquela região uma escola de educação infantil, pelo motivo do qual a prefeitura estava recebendo processos judiciais pelo descumprimento da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 do qual assegura o direito obrigatório dos cidadãos ao acesso à educação:

Art. 5º: O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigí-lo.

Art. 29º: A educação infantil, primeira etapa da educação

básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Desta forma, todas as atividades realizadas naquela instituição que recebe alunos dos quais são moradores de rua seriam suspensas por tempo indeterminado. Mesmo que a própria defesa usada pela escola em virtude de o Ministério Público ser baseada no artigo 5º da lei redigida anteriormente.

O objetivo deste estudo fixou-se em programar nas escolas uma sala de apoio, do qual contaria com profissionais específicos a fim de atender os funcionários e diminuir possíveis afastamentos por conta desses diversos fatores de estresse apresentados. Diante dos resultados exibidos posso afirmar que, mesmo perante todas as dificuldades orçamentárias apresentadas pelos órgãos responsáveis, a criação destes centros de apoio ao docente é de suma importância inclusive para melhorar a qualidade de trabalho e assim ficando mais fácil o cumprimento dos objetivos pré-dispostos no começo do ano letivo.

Por fim, afirmo que os professores estão adoecendo, em parte pela dificuldade estrutural e financeira, mas também pela desvalorização moral da qual a profissão de professor tem enfrentado. Sendo assim, muito importante realizar este apoio, tanto na área pedagógica quanto na psicológica, fazendo um acolhimento aos problemas trazidos pelos professores, de forma profissional e responsável, tentando auxiliar na resolução do mesmo e diminuindo a sensação de esgotamento físico e mental.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Tânia Maria; GRAÇA, Cláudia Cerqueira; ARAÚJO, Edna. Estresse ocupacional e saúde: contribuição do modelo Demanda-Controle. *Ciência & Saúde Coletiva*, Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 8, n.º. 4, p. 991-1003, 2003.

AYAN, Steve. Emoções a seu favor. *Revista Científica Americana Mente Cérebro*, Segmento, São Paulo, v. 11, n.º. 272, p. 22-29, Set, 2015.

CANOVA, Karla Rejane; PORTO, Juliana Barreiros. O impacto dos valores organizacionais no estresse ocupacional: um estudo com professores de ensino médio. **Revista ADM. Mackenzie**, São Paulo, V. 11, n.º. 5, p. 4-31, Set/Out, 2010.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DALAGASPERINA, Patrícia; MONTEIRO, Janine Kieling. Preditores da síndrome de *burnout* em docentes do ensino privado. **Psico-USF**. Bragança Paulista, v. 19, n. 2, p. 265-275, 2014.

ESTEVE, José M. **O Mal-Estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru. Editora da Universidade do Sagrado Coração – EDUSC, 1999

FURTADO, Júlio. **Vínculos & Aprendizagem**. Expoente, Curitiba, 2014.

GOMES, Ana Paula Rodrigues; QUINTÃO, Sónia dos Reis. *Burnout*, satisfação com a vida, depressão e carga horária em professores. **Análise Psicológica**. V. 2. 2011.

GOULART JÚNIOR, Edward; LIPP, Marilda Emmanuel Moraes. Estresse entre professores de ensino fundamental de escolas públicas estaduais. **Psicologia em Estudos**, Maringá, v. 13, n.º. 4, p. 847-857, Out/Dez, 2008.

MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Tradução Naila Tosca de Freitas – Porto Alegre: Artmed, 2008.

MASLACH, C. & JACKSON, S. E. **Maslach Burnout Inventory**. 2 ed., Palo Alto: Consulting Psychologists, 1981.

MONTALVÃO, Camila Ronchini; CORTEZ, Lucia Elaine Ranieri; GROSSI-MILANI, Rute. Síndrome de *Burnout* e condições psicossociais em docentes do ensino superior. *Acta Scientiarum*. **Human and Social Sciences**, v. 40 (3), 2018.

MORAES, Márcia Vilma Gonçalves. **Doenças ocupacionais: Agentes físico, químico, biológico, ergonômetro**. Erica, São Paulo, v. 1, n.º. 2, 2014.

MORENO-JIMENEZ, Bernardo; GARROSA-HERNANDES, Eva; GALVEZ, Macarena; GONZALEZ, José Luis; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. A avaliação do *Burnout* em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R e MBI-ED. **Psicologia em Estudos**, Maringá, v. 7, n.º. 1, p. 11-19, Jan/Fev, 2002.

MURTA, Sheila Giardini; TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres. Avaliação de instrumentos em estresse ocupacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n.º. 1, p. 39-47, Jan/Abr, 2004.

ROSSI, Ana Maria; PERREWÉ, Pâmela L., SAUTER, Steven L. **Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional**. Atlas, São Paulo, v.1, n.º1, 2005.